ELOGIO DE COIMBRA

EM VERSOS LATINOS

POR

IGNACIO DE MORAES

PROFESSOR NA UNIVERSIDADE NO SECULO XVI

SEGUNDA EDIÇÃO

COM UM PROLOGO

POR

AUGUSTO MENDES SIMÕES DE CASTRO

BACHAREL FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO DA MESMA CIDADE
SOCIO CORRESPONDENTE DA REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS
E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1887

Ao Ex.mo Sr.

Xavier da Cunha

tem a honra de offerecer

A. M. Simões de Castro

ELOGIO DE COIMBRA

Recebido em 8 de Outubro,
digo, em 6 de Outubro de
1897. [illegible]

ELOGIO DE COIMBRA

EM VERSOS LATINOS

POR

IGNACIO DE MORAES

PROFESSOR NA UNIVERSIDADE NO SECULO XVI

SEGUNDA EDIÇÃO

COM UM PROLOGO

POR

AUGUSTO MENDES SIMÕES DE CASTRO

BACHAREL FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO DA MESMA CIDADE
SOCIO CORRESPONDENTE DA REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS
E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

33 pp

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1887

1887

UM LIVRO RARISSIMO DE UM NOTAVEL LITTERATO

> **A Poesia teve em Coimbra, além de outros, um excellente Professor, qual foi Ignacio de Moraes.**
>
> **D. Fr. Manoel do Cenaculo—*Mem. do Minist. do Pulpito*, pag. 130.**

Adquirimos ha annos n'um leilão, que se realisou em Lisboa, um livro muito interessante, que temos na conta dos de maior raridade. Intitula-se—*Conimbricae Encomium ab Ignatio Morali editum. Conimbricae, apud Joannem Barrerium, typographum regium M.D.LIIII.*

Do seu frontispicio, adornado de uma estampa de gravura em madeira que representa o brasão de Coimbra, damos adeante o *fac-simile,* primorosamente executado na Imprensa Nacional de Lisboa.

É um folheto de vinte paginas, no formato ordinariamente chamado de 4.º As quatro primeiras não têm indicada a numeração, a qual só começa a ser designada por numeros na pagina quinta, que tem o algarismo 5. A pagina 13 está erradamente designada por 9, e a pagina 16 por 12. É em branco o verso do frontispicio. Segue-se na pagina 3 a dedicatoria a D. Antonio, filho do infante D. Luiz, a qual occupa toda essa pagina. Começa na immediata o *Conimbricae Encomium.*

N'esta composição, em versos de notavel correcção e elegancia, matisados de amena poesia e solida erudição, lê-se com interesse a historia, embora fabulosa, da cidade de Coimbra, breves descripções dos seus monumentos, dos seus mais notaveis edificios e dos logares mais celebrados das suas pittorescas e bellas cer-

canias. É um curioso elucidario do que era a cidade de Coimbra em meiado do seculo XVI.

Dissemos ter na conta dos de maior raridade este livro; accrescentaremos que não será arrojada conjectura considerarmos *unico* em Portugal o nosso exemplar. Na Bibliotheca da Universidade não se encontra o *Conimbricae Encomium.* Da Bibliotheca Nacional de Lisboa e da Bibliotheca Municipal do Porto colhemos informações de que tambem lá não existe. Muitos bibliographos e possuidores de boas livrarias, com os quaes nos informámos, desconhecem esta composição de Ignacio de Moraes. Possue uma copia manuscripta a Bibliotheca Publica de Evora (1), o que é mais uma prova da extraordinaria raridade do livro.

Por tal circumstancia, e attendendo aos meritos e interesse d'esta composição, julgámos de conveniencia reimprimil-a, salvando-a assim de completo desapparecimento, sorte que já tiveram outras do mesmo escriptor, que debalde se procurarão hoje.

Temos dicto do livro; diremos agora do seu auctor.

Ignacio de Moraes foi um homem notavel e um litterato distincto no seu tempo.

Transferida por el-rei D. João III, em 1537, para Coimbra a Universidade, e inaugurada n'este estabelecimento scientifico, com a reforma que n'elle então se operou, uma epocha de grande esplendor, o monarcha empenhava-se em chamar para o seu gremio, retribuindo-os com honras e crescidos salarios, os mais abalisados professores.

Ignacio de Moraes, que estudara em Paris, foi um dos convidados para o professorado d'esta florescente academia, distincção que só poderia caber a sujeito de grandes meritos e competencia.

No riquissimo cartorio da Universidade podémos descubrir o registo de dois documentos interessantes que dizem respeito a Ignacio de Moraes e que passamos a copiar:

---

(1) *Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca Eborense,* tomo II, pag. 48.

«Eu elRej faco saber a vos padre Rector lentes deputados e conselheiros da minha universidade de Coimbra que eu hei por bem e me praz que Ignacio de Moraes lea nessa universidade uma cadeira de poesia por tempo de um anno que começará do primeiro dia de outubro que vem deste anno presente de 1546 em diante a qual cadeira lerá duas horas cada dia uma pela manhã e outra á tarde em que lerá arte e os autores que lhe forem ordenados pelo conselho do Rector e conselheiros e haverá com ella sessenta mil reis de salario pelo dito anno que lhe vós mandareis pagar no recebedor das rendas das escolas ás terças segundo ordenança dellas e este não passará pela chancelaria. João de Seixas o fez em Santarem a 30 de Setembro de 1546. Manoel da Costa o fez escrever e Antonio Martins escrivão do conselho o tesladei do proprio.»

«Eu El Rei mando a vós Nicolau Leitão recebedor das rendas da universidade de Coimbra que deis e pagueis a Ignacio de Moraes vinte mil reis por tempo de um anno que começará do primeiro dia d'outubro que vem deste anno presente de 1546 em diante os quaes lhe dareis e pagareis ás terças do dito anno lendo elle nessa universidade o dito anno uma cadeira de poesia segundo leva por minha provisão e isto alem dos sessenta mil reis do salario que lhe com ella ordenei pelo dito anno e por este com seu conhecimento e certidão do rector de como lê a dita cadeira vos serão os ditos 20,000 rs levados em conta. João de Sexas o fez em Santarem a 30 de Setembro de 1546 E este não passará pela chancelaria. Manoel da Costa o fez escrever. Antonio Martins escrivão do conselho o tresladei do proprio.»

Não se limitou ao anno a que se referem os documentos transcriptos o tempo em que Ignacio de Moraes exerceu o magisterio na Universidade; antes cremos, por varias indicações, que muitos annos ahi regentou cadeira.

Um outro facto que, além de provar o que deixamos dicto, teste-

munha ao mesmo tempo o merito e importancia litteraria de Moraes, é ter sido escolhido para recitar a el-rei D. João III o discurso gratulatorio ou cumprimento de recepção quando este monarcha visitou a Universidade em 1550. O secretario que então era da corporação universitaria diz a este respeito no assento do *modo q se tera no Recibim*[to] *del Rei nosso S.*[r]*:*

«Aos dous dias doctubro de 1550 anos na cidade de Coimbra na salla grande dos paços delRei noso S.[or] sendo hi presente o S.[or] frei D.[o] de murça Rector e os doctores lentes, deputados e cõselheiros, e oficiaes de toda a universidade juntos en cõselho pleno e cõselho fazendo segundo seu costume, logo elle Rector propos como ElRei nosso S.[or] vinha a esta cidade e q se sospeitaua vir juntam.[te] cõ a Reinha e cõ o prinçipe e q p.[a] tamanha vinda era necesareo praticarse o como a universidade o sairia a reçeber se a pee se acavallo e donde, e os autos e exerçicios q nas escollas se lhe deuiã fazer e vindo a ouvir algum auto na salla q maneira se tera no gasalhado e asento de suas altezas e q mais mostras se lhe deuiã de fazer p.[a] sua alteza ver quam bem empregado tem seus pensam[tds] nesta sua vniversidade, asentouse da maneira seguinte

....

praticouse q vindo sua alteza as escollas se seria milhor inacio de moraes, a quem he encomendada a oração do Recebim.[to] fazerlha logo en chegando na salla ou ouvir p'meiro as liçoes dos doctores de p'ima e por auer nisso algua diferença se asentou q ficase a võtade e elleicão de sua alteza...»

Com effeito visitando el-rei em novembro de 1550 a Universidade de Coimbra, coube a Ignacio de Moraes a honra de lhe recitar no dia 8 em nome d'esta corporação o discurso do recebimento. D'elle diz o já citado secretario, ou, como então se lhe chamava, *escrivão do conselho:*

«aos oito do dito mes suas altezas vierão ouvir misa á capella

dos seus paços e ouvida se forão a sua salla grande donde estaua toda a Vniversidade ss. o Rector e doctores e m.tres em seus lugares altos q p.a elles são feitos p.a estarem aos autos de Repeticões e doutoram.tos e outros da Vniversidade e defrõte da cadeira estaua hum teatro de seis degraos de catorze palmos em largo e dezoito de traues o qual estaua muyto bem alcatifado e cõçertado donde suas altezas se asentarão em suas cadeiras p.a ouvir a oração do Recebim.to *q lhe fez o mtre ynatio de moraes, q foi mtre do S.or dõ duarte fo delRei, a qual durou por espaço de hua ora e foi muyto louvada e de muyta autoridade...»*

Imprimiu-se a oração, mas não lográmos ainda ver exemplar algum d'ella apezar das diligencias que para isso temos empregado.

Sendo Balthasar de Faria nomeado visitador e reformador da Universidade, cargo de que tomou posse em 19 de fevereiro de 1556, decidiu-se em claustro que fossem eleitos dois membros de cada uma das faculdades para conferirem com elle ácerca dos objectos da reforma. Pela faculdade de artes foram escolhidos para este fim Ignacio de Moraes e Diogo de Gouvêa.

O infante D. Luiz, irmão de el-rei D. João III, mandou educar no mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra seu filho bastardo D. Antonio (posteriormente prior do Crato e um dos pretendentes á corôa de Portugal depois da morte do cardeal rei) e aqui teve este infante varios professores, entre elles Ignacio de Moraes, que ao discipulo dedicou o livro *Conimbricae Encomium.*

Ignacio de Moraes foi querido e apreciado dos litteratos mais distinctos do seu tempo, tendo com elles familiar tracto e intimidade. A muitos dedicou composições de merito, alguns lh'as dedicaram tambem, ou em suas obras se referiram a elle com honrosas expressões.

Antonio de Cabedo, n'um elogio que fez á cidade de Coimbra, allude ao *Conimbricae Encomium* de Ignacio de Moraes. Permitta-se-nos, por muito elegante, reproduzir inteiro este elogio:

De Conimbrica

O domus, o regum sedes, o dulce Camœnis
Hospitium, magnis o loca digna deis
Vt libet has vidisse tuas Conimbrica moles
Mœniaque Egnati versibus aucta mei.
Agnosco nunc Pieridum Palatia, quondam
Lusitanorum tecta superba ducum.
Agnosco celsas, ingens opus, Herculis arces,
Et videor Lymphas cernere Munda tuas.
Non me curuati pontis bona semita, non me
Egregium tota quidquid in vrbe, latet.
Omnia miratus Musis, et Apoline dixi
Non erat in toto dignior orbe locus.

Com Pedro Sanches teve Moraes relações de grande intimidade, como se vê da seguinte passagem que se encontra na *Bibliotheca Lusitana* relativa áquelle notavel poeta:

«Não somente estimava a amizade dos homens eruditos, mas anciosamonte procurava a sua communicação valendo-se de cartas que lhe escrevia para sustentar este commercio litterario. Ao insigne poeta Ignacio de Moraes, seu cordial amigo, lastimando-se da pobreza em que vivia, o soccorreu varias vezes com largos donativos, mandando imprimir algumas das suas obras para não serem consumidas pelo tempo.»

Do mesmo Pedro Sanches ha uma *Epistola ad Ignatium de Moraes* constando de 592 versos heroicos, em que louva os poetas mais insignes que produziu Portugal no seu tempo, a qual se póde ver no tomo 1.º da obra *Corpus Illustrium Poëtaram Lusitanorum qui latine scripserunt.*

Segundo Barbosa Machado, Pedro Sanches escreveu outra carta latina, dirigida a Ignacio de Moraes, a qual se encontra a pag. 42 das *Epistolae Hieronymi Cardosi* (1565), que não podémos ver.

Ao insigne latinista Jeronymo Cardoso (que foi mestre do preclarissimo Jeronymo Osorio) fez Ignacio de Moraes este elogio:

Quàm bene depingit pulchros Cardosus honores
   Musarum? ut dulce manat ab ore lepos
Quantá demulcet mentis dulcedine fandi
   Et novit Veterum scripta vetusta virùm.
Quidquid Grammatici docti scripsere Magistri
   Quidquid Aristoteles protulit, atque Plato.
Quidquid doctores legum, Jurisque periti,
   Et quidquid demùm Græcia docta tulit.
Protulit in lucem multis celata tenebris.
   Quæ simul exornat floribus ipse suis.
Nunc Cicero est visus; sed si non fallor amore
   Alter Virgilius postmodo visus erit (1).

Ao mesmo Jeronymo Cardoso fez ainda Moraes este epigramma:

Seu cupis Orator prosam, seu scribere carmen,
   Tullius es prosa, Carmine Virgilius.
Carmina componas, seu scribas verba soluta,
   Alter Virgilius, Tullius alter ades (2).

A pag. 403 do livro *De Antiqvitatibvs Lvsitaniae* de André de Resende, edição de Roma de 1597, vem um Epitaphio composto por Ignacio de Moraes:

Clarissimi viri Michaelis Cabedij Epitaphium per Ignatium de Moraes.

Ossa Michaelis sunt hic tumulata Cabedi,
   Quem legum, et iuris docta caterva gemit.
Florentem studijs, genere, haud ætate labentem
   Mors tulit humanis inuidiosa bonis.
Causarum iudex, inter quos regia honorat
   Curia, præclarum nomen adeptus erat.
Cingebat gemina (quod rarum est) tempora lauro,
   Inque forum Phœbum, Castalidasq. tulit.

---

(1) Na obra de Jeronymo Cardoso, *Elegiarum libri duo.*
(2) *Noticias Chronologicas da Universidade,* por Francisco Leitão Ferreira. Primeira parte, pag. 572.

Gloria sed maior morum est, et vita probata,
Quæ numquam a recto deuia iure fuit.
Ergo cadauer humo requiescit, ad astra volauit
Mens iusta, et iusti iudicis ora videt.

No mesmo livro, a pag. 559, encontram-se dois epigrammas de Antonio de Cabedo dirigidos a Moraes, honrosissimos para este.

Quando falleceu Cabedo, correspondeu Ignacio de Moraes a estas provas de tão fina amizade compondo uma elegia—*In interitum Antonij Cabedij celeberrimi poetae, Ignatij Moralis Elegia* e uma outra poesia intitulada—*Ejusdem tumulus* (pag. 568 e 571 do referido livro).

Na *Bibliotheca Lusitana,* tomo 3.º, pag. 234, no artigo relativo a Manoel da Costa se diz que a elevada Musa de Ignacio de Moraes lhe escreveu o seguinte epitaphio para ornato da sua sepultura:

Condita in hoc tumulo sunt parvi corporis ossa
Clara viri toto fama sed orbe volat.
Nam legum doctor, facundoque ore disertus
Hac est Emmanuel Costa sepultus humo.
Hunc merito nostri mirata est temporis ætas
Huic patuit quidquid pagina Juris habet.
Lusitanus erat, patriis migrarat ab oris,
Ut clarum augeret nomen, opesque suas.
Annos bis denos docuit Conimbrica in Urbe
Jura loco primo, promeruitque rudem.
Post cuique Victori Cathedrã Salmãtica primã
Donarat: moritur mox ut adeptus erat.
Injecit parto sese mors cæca triumpho,
Et luctu excepit gaudia more suo.
Plangite qui leges Civilis juris amatis,
Oraque Castaliâ vestra rigatis aqua.
Nam legum studium comulaverat ille poesi
Ausonio condens carmina culta sono.
Mœrent Calliope, mœrent reliquæ sorores,
Et pater hoc etiam funus Apollo dolet.
Corpus humo tegitur, durat sed fama superstes.
In quam mors potuit juris habere nihil.

Eis as noticias que podémos averiguar de Ignacio de Moraes além das que se encontram no artigo que lhe compete na *Bibliotheca Lusitana* do abbade Barbosa Machado, o qual em seguida vamos transcrever para tornarmos conhecida e completa quanto possivel a bio–bibliographia de tão insigne poeta, honra e brasão da litteratura nacional e da Universidade de Coimbra no seculo XVI.

A. M. Simões de Castro.

BIO-BIBLIOGRAPHIA DE IGNACIO DE MORAES, EXTRAHIDA DA «BIBLIOTHECA LUSITANA» DE DIOGO BARBOSA MACHADO

Ignacio de Moraes. Nasceu na cidade de Bragança, egualmente illustre pelo nascimento, sendo filho de Pedro Alvares de Moraes, e irmão de Nuno Alvares Pereira, do Conselho de Estado de Portugal em Madrid, Senhor de Serra Leoa, do Paul de Muja, das Jugadas de Santarem, Commendador da Commenda de Nossa Senhora do Marmeleiro da Ordem de Christo, como pelo ingenho com que se distinguiu em a Universidade de Paris de todos seus condiscipulos no estudo das letras humanas, e na metrificação dos versos latinos em que imitou a magestade de Virgilio e a suavidade de Ovidio.

A fama que corria da sua erudição moveu a el-rei D. João o III ordenar-lhe por carta, passada a 21 de janeiro de 1541, que illustrasse com o seu magisterio a nova Universidade de Coimbra lendo a cadeira de Grammatica; e como era venerado oraculo da poesia latina, foi provido em 30 de setembro de 1546 em a cadeira d'esta arte, da qual lia os preceitos uma hora de manhã, e outra de tarde com o salario de oitenta mil réis.

Não foi inferior o seu talento para as sciencias severas, como o tinha exercitado em as amenas; pois, recebendo o gráu de Mestre em Artes, em que chegou a ser Decano, se formou na Faculdade da Jurisprudencia Cesarea com applauso de todos os cathedraticos conimbricenses, que uniformemente o elegeram para congratular as Majestades de D. João o III e de D. Catherina quando foram no anno de 1550 visitar a Universidade, cuja incumbencia desem·

penhou com uma Oração Latina, composta e recitada com o espirito de Cicero, e certamente digna de tão augustos ouvintes.

Teve a honra de ser Mestre do Infante D. Duarte, filho do Serenissimo Rei D. João o III, e do Senhor D. Antonio, filho do Infante D. Luiz.

Entre os homens eruditos da sua edade, com quem tractou familiarmente, lhe deveu maior affecto o insigne André de Resende, o qual *de Convers. mirand. D. Ægid.*, pag. 71 v.°, escreve que, convidando a Ignacio de Moraes para uma sua quinta, onde corria uma caudalosa fonte, lhe fez extemporaneamente o seguinte Epigramma.

Potiat hoc liquidas de fonte, suaviter undas
Hic, jubar eximium, ordinis, ecce, sui.
Quæ postquam tanti subierunt jura Magistri
Castalis hæc unda est, Thespiadumque locus.

E admirando a amenidade do sitio, rompeu a sua Musa em segundo Epigramma.

Mollem secessum portum placidumque laborum,
Hæc præbet cunctis villa beata bonis.
Hunc amat ille locum, secureque otia vitæ
Quem nec livor edax, ambitiove tenet.

Foi casado com Anna Mendes, matrona nobre de quem teve um filho e duas filhas. Falleceu em o real convento de Alcobaça, para onde se tinha retirado a preparar-se para a morte, que succedeu pouco tempo depois que Filippe Prudente se senhoreou d'este reino.

Applaudem o seu nome e a sublimidade da sua Musa Resende lib. 2. *Convers. Ægid.*, pag. 22 v.°, *unus ex bonarum litterarum, Conimbrigae professoribus cum quo mihi pervetus est amicitia, homo sane honestis praeditus disciplinis, ut si quis apud nos alius, certe in poetica, venae facillimae, et Ovidianae, ad quam se componit, tam similis, ut qui ubivis gentium maxime;* et lib. 3, pag. 71 v.°, *ut*

est ad carmina pangenda prompto peruelocique ingenio. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Liter.* lit. I, n. 9. *Egregius Poeta.* Maris *Dial. de Var. Hist.* Dial. 5, fol. mihi 357. D. Nicol. de Sancta Maria *Chron. dos Coneg. Reg.,* liv. 10, cap. 5, n. 11, *eminente em letras de humanidade.* Faria *Europ. Portug.* Tom. 3, Part. 3, cap. 12, n. 43. Didac. Mend. de Vasconc., *de suo Ebor. disces.*

Antiquis Ægnati æquande poetis.

Hier. Cardos. *Silvar.* Tom. 2. Sylv. 12.

Tot peperere tui Ægnati doctissime Versus
Gaudia, quas nudas inter Pasithea Sorores
Gestavit gavisa sinu, salibusque refersit
Facundis, totumque dedit consistere numen,
Cypriis, et Idylais auxit pulcherrima succis.
Aligeros prohibens procul hinc abscedere natos
Addidit, et Graio gustatam guttere Lothon
Ut maiora queant oblectamenta movere.

Et lib. I. *Elegiarum.*

Qualis imprimis meus est disertus.
Gloria Ægnatus juvenum decusque
Cujus est nobis amor ante mella
Dulcis Hymeti.
Cujus, et doctis recreor libellis.
Qui meras plane redolent Athenas
Quique Romanus sapiunt lepores
Judice Momo.

Anton. Cabbedo in *Poemat.* ad ipsum.

Si meritis donare tuis æqualia vellem
Munera, si donis vellem præire meis,
Quantum Te nostro jam dudum in pectore fixi
Pars animæ Ægnati, dimidiumque meæ.

P. Anton. dos Reys *Enthus. Poet.* n. 50.

...... vario descripsit carmine laudes
Gentis ubique suæ Morales.

Compoz:

—*M. T. Ciceronis Proaemium Rhetoricae. Dicatum Nobilissimo Juveni Petro Lupo Sousae.* Não tem logar da impressão. É composto em versos elegiacos. 4.º

— *Oratio Panegyrica ad invictissimum Lusitaniae Regem D. Joannem III, nomine totius Academiae Conimbricensis in ejusdem scholis habita ipsa etiam Regis conjuge augustissima Diva Catherina Lusitaniae Regina, et regni haerede Principe filio D. Joanne Serenissimo, ejusdemque Regis Sorore Diva Maria Serenissima praesentibus.* 4.º Não tem anno da edição. No fim está uma Ode Saphica a el-rei D. João o III, *de ejus urbem Conimbricam adventu.*

—*Epithalamium Serenissimorum Principum Joannis et Joannae.* 4.º, sem logar nem anno da impressão.

—*Panegyris D. Antonio Principis Ludovici filio.* Conimbricae apud Joannem Barrerium, Typ. Reg., 1553. 4.º

—*In interitum Principis Joannis elegiae duae; item cum ejusdem duobus epitaphiis. Deplorat Joanna suavissimum maritum.* Elegia Latina. Outra elegia que tem por argumento *Joannes Princeps recenti fato functus et Maria ejus Soror in Olympo colloquuntur.* Outra. *Ad nascentem prolem Serenissimae Joannae.*

—*Conimbricae Encomium. Serenissimo Principi D. Antonio fortissimi Principis D. Ludovici Portugalliae Infantis filio.* Conimbricae apud Joannem Barrerium Typ. Reg., 1554. 4.º Consta de uma descripção excellente da cidade de Coimbra em versos elegiacos.

—*In interitum Principis Ludovici elegia cum epitaphio.* Conimbricae apud Joannem Alvares, 1555. 4.º

— *Oratio funebris in interitum Serenissimi Regis Joannis ad Patres Conscriptos Conimbricensis Academiae.* Conimbricae apud Joannem Alvarum Typ. Reg., 1557. 4.º No fim tem uma Elegia e 4 Epitaphios.

—*In quosdam Dialecticos, ac Grammaticos pro jureperitis carmen, et alia quaedam ejusdem poemata.* Conimbricae apud Joannem Barrerium, 1562. 4.º

Conimbricæ encomiũ

AB IGNATIO MORALI EDITVM.



CONIMBRICAE.

Apud Ioannem Barrerium Typographum Regium.

M. D. LIIII.

Imprensa Nacional de Lisboa. 1882

SERENISSIMO PRINCIPI

**D. Antonio fortissimi Principis D. Lodo
uici Portugalliæ Infantis filio
Ignatius Moralis.
S. P. D.**

Ex elegiaco quodã opusculo, quod tuo nomini nuncupatum aliquandò in lucem edere cõstituo, princeps serenissime, hos elegos, qui Conimbricæ laudes cõtinent nunc seorsum typis excudendos tradidi: ne longius differrem hanc gratiam inire ab vrbe florentissima, quam sic amo, vt pro ea patrium solum cõmutarim. Fateor tamen hoc argumentum maius esse nostra mediocritate. Quippe, vt vnum Herculem conditorem (vt fama tradit) sortita est Conimbrica: sic eã ab vno solo Apelle depingi, ab vno Marone describi cõdignè posse existimo. Qualesqunque autem hi nostri sint elegi, eos tibi defero: cui et reliquorum libellus destinatur, atque õnis nostra elaborat industria. Tum etiam quia et tu ipse meritò hanc vrbem summo amoris studio diligis: in qua educatus et liberalibus disciplinis informatus es. Exiguum igitur hoc munusculum à tuo clientulo missum, hilari fronte accipe. Vale. Conimbricæ idibus Septemb.

M. D. LIII.

CONIMBRICÆ ENCOMIUM

Antiquas reddit studiis Conimbrica Athenas:
Et docta præstat Pallade, et armigera.
Nam Lusitanos reges prima edidit olim,
Fortia qui in Mauros arma tulere truces.
Illa et totius fuit arx fortissima regni,
Constanti seruans integritate fidem.
Illam, dum Hispanas olim penetrauit in oras,
Condidit (vt fama est) Amphitryoniades.
Nam cúm Geryonis fœcundos ibat in agros.
Rapturus victo præmia opima, boves:
Ad Pyreneos montes diuerterat hospes:
Ardua Bebrycis quæ loca regis erant.
Huius regali formæ excellebat honore
Filia Pyrenè, spesque parentis erat.
Hanc videt Alcides, subitóque exæstuat igne,
Audet et hospicij contemerare fidem.
Forte aberat Bebryx tunc, cúm Tirynthius heros
Apta videt votis tempora adesse suis.
Cúmque Cupidineis Bachæos adderet ignes:
Membráque forte epulis tunc saturata forent:
Vim facit: et nymphæ demulcens pectora dictis,
Erepto spolio virginitatis, abit.
Illa (fide maius) grauida conceperat aluo
Serpentem: tumidæ crescere cœpit onus.
In syluas abijt Pyrenè, ac lustra ferarum,
Victa metu, et fugiens victa pudore patrem.
Serpentem interea aligerum (mirabile dictu)
Edidit, et partus horruit ipsa suos:
Hos simul effugit, solis seque abdidit antris:
Flet misera indignas et notat ungue genas.
Herculis implorat frustrá promissa, fidemque:
Clamat et iratum supplice voce patrem.
Thesea non aliter surdas clamabat ad undas,
Cùm se deserta Gnosis abisse videt.
Fundebat mœsto tales ex ore querelas,
Cùm vela infidæ soluerat ille rati:

De Bebryce rege montis Pyrenei, et de eius filia Pyrene meminit Silius Italicus. lib. 3.

Ac dum Pyrenè curarum fluctuat æstu,
Et fusa in ventos, irrita verba iacit:
Pallentem et trepidam, atque inuicti tela vocantem
Hospitis, invadunt, diripiuntque feræ.
At vero Alcides victor, funesta reuersus
In loca, Pyrenes fataque acerba dolens,
Lustrauit colles, sed tantum membra priora
Inuenit, inque vrnam virginis ora tulit.
Et stupit visis, totoque expellauit ore,
Quanuis non illo fortior alter erat.
Impleuit latè mœstis vlulatibus auras:
Et penitus montis contremuere iuga.
Pyrenem clamat, Pyrenem rura sonabant.
Diffugiunt trepidæ per nemus omne feræ.
Sic olim tristes gemitus deduxit ab imo
Pectore, et amissum sic quoque fleuit Hyllam.
Perfunctus tandem lachrymis, et honore sepulchri,
Pergit ab infesto mœstus abire loco.
Custodita feris tumulo nunc ossa quiescunt
Mons à Pyrene virgine nomen habet.
Nec post hæc multo fertur Tirynthius vrbem
Hanc nostram, et sedem constituisse sibi:
Pyrenésque suæ casum et monumenta doloris
Perpetuo ciues iussit habere suos.
Stemmataque vrbanis et sculpta insignia muris
Vrna (vides) laceræ virginis ora capit.

Conimbricæ insignia.

Serpens, quem peperit, lateri coniuctus adhæret,
Atque leo: Herculeum seu quia tegmen erat,
Seu quia per sæuos fuerat discerpta leones,
Cùm trepido infælix fugit in antra gradu.
Tempora cur habeat (quæris) præcincta corona?
Indicium hoc genitam rege fuisse notat.
Fundatore igitur tanto Conimbrica gaudet:
Cui cessere homines, indomitæque feræ.
Illam nonnulli cupressi ab imagine coni,
Atque ex imbricibus nomen habere putant.
Aspice, quàm viuunt concordi fœdere ciues,
Quos habet: vt pacem mutuo amore colunt.
Aspice, vt externos studio amplectatur amico:
Et largitur opes officiosa suas.
Quàm rerum diues, quam fertilis vbere glebæ,
Quàm culta est tectis, artificumque opere.
Pandite, Pierides doctæ, delubra operosa,
Præcipuasque mihi commemorate domos.

Ardua præcelso surgunt pallatia cliuo:
Quæ latè campos, aruaque læta vident.
Cyclopum ingenti quondam fundata labore
Credas, Dædalea vel fabricata manu.
Regum erat hæc sedes: at nunc pro tempore præbet
Hospicium musis, gymnasijsque locum.
Sublimi hîc videas multos resonare cathedra
Doctrina insignes, et pietate viros.
Præsidet his rector, qui diue Hieronyme, vitæ
Dogma tuæ seruat, iustitiamque colit.
Hic ille est monachus veneranda ætate Iacôbus,
Cognomen patrium cui sua Murca dedit:
Deinde Scholæ veteris tecta instaurata resurgunt,
Quorum nescimus quis tamen vsus erit.
Rex Lusitanus condit, qui ad talia facta
Regales vltro fundere gaudet opes.
Amphitheatralis forma est aspectus amœnus,
Atque intra structas area pulchra domos.
Turritæ vlterius stant iunctæ mœnibus arces:
Carcere vbi horrendo noxia turba sedet.
Unaque ibi est, magno quæ traxit ab Hercule nomen,
Altera, quæ semper turris abundat aquis.

Collegium discipulorum Iesu.

Agmina Apostolicos vise hinc imitantia ritus,
Quæ muro vrbano tecta propinqua tenent.
Fundunt se varijs habitacula multa meandris,
Quæ sancta cœtus simplicitate colit.

Collegium Hieronymitarum.

Contiguas habitant, divine Hieronyme, sedes,
Qui te sectantur relligione ducem.
Qui tamen interea dum conditur altera sedes
Latior, angustos hîc subiere lares.
Hi mihi amicitiæ monachi sunt iure vetusto
Coniuncti, docui quos latiale melos.

D. Georgius Almeida olim episcopus Conimbricensis.

Nec procul hinc distat, præsul venerande Georgi,
Viuenti fuerat quæ tibi culta domus.
Olli maiestas prisca est, operumque venustas,
Atque auro paries, cultaque tigna micant.

Ecclesia metropolitana.

Sacra inde apparent capitolia virginis almæ,
Quæ vario lapidum picta colore nitent.
Auro ædes fulgent, pulchris variata figuris,
Et spectatores detinet vsque mora.
Hîc tu conspicies quicquid potuere Myronis,
Quicquid Apelleæ, Phidiacæue manus.
Ornatum dederas talem, mirate Georgi,
In terris vitam dum tibi fata dabant.

Lux Almeidarum, antistes celeberrime salue,
Cui viguit castæ fama pudicitiæ.
Ioannis domus ad dextram est, cognomine clari,
Quod ductum a riuo stirps generosa dedit.
Præfectum hunc adytis ecclesia sede secunda
Post pastorem vrbis sceptraque sacra locat.
Sunt aliæ hîc celebres ædes, et pulchra Ioannis
Vazij, et ampla Lupo quondam habitata domus.
Hinc ad Gartiæ præclara palatia tende,
Quàque patent tanto limina digna viro.
Sed partem (ah) magnam hauserunt incendia nuper,
Dum vento exoritur flamma repente furens.
Celsaque tecta ruunt: ardet preciosa supellex,
Et versa in cineres gaza opulenta cadit.
Apparent etiam nunc vastæ signa ruinæ,
Luget et, abruta mole, superba domus.
Progredere vlterius, gradibus quà curia celsis
Tollitur, et versat publica iura forum.
Aspicies lectosque patres sanctumque senatum,
Atque magistratus ora timenda reo.
Parte alia assurgit magni domus alta Philippi,
Quam hæredes subeunt posteritasque sua.
Vrbem, inde inferius paulo, delabere ad imam, Vulgo Calçata
Est vbi, vulgari nomine, Strata via. Templum Misericordiæ.
Namque nouam hîc posuit mitis clementia sedem,
Quæ multum ornatus atque decoris habet.
Perge dein, rectos ducit quà semita gressus, Cœnobium sanctæ Crucis.
Sancta salutiferæ stant vbi templa Crucis.
Hîc vbi Sansonis geminos habet area fontes,
Et sursum latices spargit vterque suos.
Hoc ornauit opus Blasius per mille labores: D. Blasius Episcopus Leirenensis.
Antistes Blasius relligione pius:
Idem et leirenæ præsul, diademate frontem
Vinctus, cœlesti qui dape pascit oues: Leirena oppid' antiquis inscriptionibus legit' vulgo Leirea dicitur.
Quique Augustini, quos regula cogit, in vnum,
Rite reformavit, restituitque greges:
Primus et ad doctas iecit fundamina musas,
Inque Crucis templo gymnasiarcha fuit.
Alphonsi regis sunt hîc spectanda sepulchra,
Inuicta gessit qui pia bella manu.
Hic ille est Henriciades, fortissimus heros,
Qui pulchrè gestis rebus, in astra subit.
Cœnobium Augustum, et pulchras mirabere moles,
Quas fama in toto rumigera orbe canit.

Intus aquæ gelidi fontes, et pomifer hortus
    Arrident: stagnis innatat albus olor.
Hinc iter occultum ad vites, et prædia lata
    Vastus suffossa pandit hiatus humo.
Tende gradum vlterius, vicum Sophiæque require,
    Quem Blasius statuit, nomen et ipse dedit.
Gymnasia aspicies, quæ rex ingentibus orsis
    In cœlum nuper tollere cœpit humo.
Ille nouem musis sedes hîc destinat amplas:
    Nomen et authoris regia tecta trahunt.

Collegium Regium.

Iam sileant Cares sua Mausolea sepulchra,
    Atque suas Memphis barbara Pyramidas.
Maius opus surgit, quo toto illustrius orbe
    Ante dedit nunquam, nec (puto) fama dabit.
Hîc iuuenum ingenuas grex informatur ad artes,
    Atque bonos mores, ingeniumque colit.
Certatim discunt, feriunt clamoribus auras.
    (Gloria dat stimulos, supplicijque metus)
Quàm multos Prognè diffundit gutture cantus
    Vere nouo, arguto sturnus et ore sonos.
Quam multæue grues strepitant ad strymonis vndas,
    Cúm cœlo nubes frigida cogit hyems.

Pelagius Rodericus.

Tanti operis curam, et cœtus tibi fræna, Pelagi,
    Oceani domitor, Lysiadumque dedit.
Namque bonæ decorant te artes, atque inclyta virtus,
    Pallados et sacræ Laureus ornat apex.
Tuque agmen reddis docile, et moderaris habenis,
    Exemploque vocas facta ad honesta tuo.
Multa alia hîc doctis collegia culta Camœnis:
    Et templa aspicies, addita cuique suum.

Collegium sancti Bernardi.

Cœnobium haud paruo cernes fundamine cœptum,
    Diui Bernardi quod sacra turba colit.

Princeps Henricus Cardinalis.

Henricus iussit condi, iustissimus heros,
    Cui sanctae incumbit relligionis onus,
Exemplum Henricus probitatis, regia proles,
    Quem decorat sacri cardinis ultus honos:
Cui frons Puniceo splendet redimita galero,
    Et pariter Tyrio palla colore rubet:
Sacrorum Antistes nostris qui maximus oris,
    Summi pontificis iura, vicesque tenet.
Quemque pudor castus clarum super ethera tollit:
    Quique et occiduæ gloria summa plagæ.

Collegium Carmelitarum.

Marmoreis sequitur delubrum insigne columnis,
    Cui de Carmelo nomen origo dedit.

Baltasar erexit, tuus est qui, Bracchara, præsul, Baltasar Limpus Archieps Bracharensis.
Quem merita in tanto constituere loco.
Præterea Charitas dictum de nomine templum
Eminet, immensi grande laboris opus. Collegium Gratiæ.
Fundauit monachi Lodouici industria, docto
Qui populum mores edocet ore pios.
Namque Augustini vitam, moresque professus, Frater Lodouicus Montoia.
E terris rectam monstrat in astra viam.
Tu quoque musæon Petro Roderice sacrasti Collegium sancti Petri.
Nobile, diuitijs ædificasque tuis.
Docte senex, tibi victurum per sæcula nomen
Dant sacri Canones, vitaque labe carens. Rodericus Lopez Caruallus.
Templum etiam Dominice tibi candore refulget,
Atque nouum extruitur non procul à veteri. Collegium sancti Dominici.
Præfectus statuit Martinus Pallade doctus
Cœlesti, atque idem relligiosus homo. Frater Martin' de Ledesma.
Omniaque hæc opibus surgunt adiuta Ioannis,
Qui merito patriae dicitur esse pater.
At Franciscanos arctant nunc hospita tecta. Collegium sancti Francisci.
Huius, paupertas, est (puto) causa mali.
Sed domus his etiam quondam spatiosa patebit,
(Sic sperare decet) gymnasiumque capax.
Postquàm hæc lustraris, retro vestigia verte,
Et tandem dextro calle reflecte viam.
Perge: vetus namque est Dominici conspicienda
AEdes, vicina quà fluit amnis aqua.
Ad Cantanedi comitis pallatia magna Cantanedum oppidum iuxta Conimbricã.
Inde per ambages flecte reuersus iter.
Inclyta conspicies claræ incunabula gentis,
Arte laboratos, conspicuosque lares.
Ad venale forum perge hinc, et sacra videnda
Hospicia: hæc nec sunt prætereunda tibi.
Excipit hîc ægros vltro, et succurrit egenis, Vulgus Eloios monachos vocat.
Nomine ab Eligij turba vocata patrum.
Hinc vrbis portam pete recta: eggressus ab vrbe,
Cerne suburbanis multa videnda locis.
Aspice, quàm longè curuatos digerit arcus
Pons, et Romuleum pulchrè imitatur opus.
Talem ego crediderim sæculo struxisse vetusto
Xerxem, cùm iussit bina coire vada.
Aurifer irriguis latè diffunditur agris,
Inque suas flexus Monda recurrit aquas,
Monda sacros potant cuius de Flumine rores
Cum Phœbo doctæ, turba nouena deæ,

Oblitæque suas liquidi permessidos vndas,
Castalios gaudent deseruisse lacus.

IOANNES Rex, Conimbricensis Academiæ conditor.

Namque illas Princeps duxit Conimbricæ ad vrbem,
Qui Lusitani est arbiter imperij.
O vtinam pylio viuat spatiosus æuum
Tam mitis, populi Rexque paterque sui.
Adde, quod in Monda simulatur imagine pontus,
Inque vrbem merces flumine nauta vehit:
Remigat: interdum et ventis dat vela secundis,
Cursibus et spectat sydera amica suis.

Templum vetus sancti Frãcisci.

Flumine Francisci alluitur venerabile templum,
Estque vetustatis numine plena domus.
Ad læuam est ædes Annæ, fundata vetusto
Saxo, et arenosis vndique cincta vadis:
Grex vbi virgineus sacro vestitus amictu,
Diuinum numen, pauperiemque colit.
Proximaque est ædes divæ celeberrima Claræ,
Sanctæ et reginæ stat veneranda domus,
Reginæ, cuius virtus notissima terris,
Miraclis etiam nunc manifesta patet.
Hîc herôinas includunt claustra puellas,
Quas pia relligio, castaque vota ligant:
Concessere quibus priscæ penetralia vestæ,
Quam coluit quondam vana superstitio.
Hortus adest, fructus largè qui præbet, et idem
Penè lares tangit luxuriante coma.

Fons amorum.

Huc fons vicinus tenebroso lapsus ab antro
Mittit aquas: vulgò nomen Amoris habet.
Nam fons hic fertur caluisse cupidine Monde,
Et de Naiadum nympha fuisse choro.
Nunc etiam tacitè veteres suspirat amores,
Et fluuio auersa cogitur ire via.
Fert tamen indignè, dominamque reuiscere pugnãs,
Fusius interdum Monda redundat aquis.
Inuider Alpheo, qui cursu, Arethusa, perenni
Te petit, amplexu perfruiturque tuo.

Vulgó fons nouus.

Altera nympha tamen nunc Mondam allexit amore,
Et veterem pellex flammam abolere facit.
Namque nouos rupit latices in margine ripæ,
Inque amnem liquidas lapsa refundit aquas.
Cœlesti Dominæ sacrum est in colle sacellum,
De spe nomen habens, parua, sed apta domus.
Altera (Laureto nomen deducit) ad vndam
Piscosi Mondæ, facta quoque arte, sita est.

Nec procul hinc ægris scabiem et contagia curat
    Lazarus, atque inter culta vireta sedet.
Sunt et Martino pallatia proxima diuo
    È conspectu vrbis monte in oliuifero.
Hæc pario ostendunt pulchros de marmore postes,
    Et vicina sibi, ruraque amæna vident.
Nec taceam diui turres et tecta Georgi,
    Qui ad Mondæ ripam florida rura tenet.
Culta loci facies, sacri nemorumque recessus,
    Ac Telluris opes ripa ab vtraque virent.
Hinc iuuat vndiuagis intendere piscibus hamos,
    Inde in frondoso retia monte feris:
Pinguis vbi gaudet latitare cuniculus antris, **Allusio.**
    Et fugit auritus per iuga summa lepus.
Turdus edax crebrò volitat nemoralibus vmbris,
    Euolat et perdix proxima semper humo.
Aspirant moles zephyri, volucresque susurrant:
    Lapsaque de celsa flumina rupe cadunt.
Parnassi (dices) hæc est florentis imago,
    Talis et è gelido Lympha Elicone fluit.
Quid Cereris campos, flauæ collesque Mineruæ **Agri iuxta flumen Mondam.**
    Dicam? vitiferos quid quoque Bacche tuos?
Ditia non plures diffundunt Gargara aristas,
    Nec magis est olei Bæthyca terra ferax.
Nec meliora putem prælis expressa falernis
    Aut Methymnæo condita vina cado.
Quid citrij nemoris fructus, quid Medica mala **Vulgó Citriale.**
    Eloquar? et formas multiplices auium?
Nam quædam volucres syluis captantur opacis,
    Quasdam producunt stagna silentis aquæ.
Vbera grex pecoris præbet turgencia lacte,
    Cecropiosque fluunt mella imitata fauos.
Adde quoque innumeros pisces, quos Monda vadosus
    Voluit, et armentum pingue, quod inde bibit.
Quin etiam viui portantur ab æquore pisces,
    Quos dant vicini littora bina maris.
Lintea nec taceam totum celebrata per orbem,
    Quæ nusquam filo nobiliore nitent.
Setabis huic lino palmam concedit Hibera:
    Hoc oneretque suam bulta Minerua colum.
Nec satis est, hortos coniunctos mœnibus esse,
    Quos iuxta labens fluminis vnda rigat: **Vulgó rigaça.**
Nec satis, irriguos fontes crepitantibus vndis
    Cernere, fœcundis pomaque in arboribus;

Vrbis quin etiam gelidam parte altera ad Arcton
Rus est, cui cornucopia diues inest.
Cosellæ. Indigenæ dicunt Cosellas: vndique riuis
Perstrepit, et rerum fertilitate viget.
Nam latè vernant nitido pomaria cultu.
Non est in toto gratior orbe locus:
Non loca peruigili quondam seruata Draconi,
Nec quæ olim Alcinoo fama fuisse refert.
Nec quæ Thessaliæ celebrantur frigida tempe,
Aut Tiburtini rura beata soli.
Cellæ. Delubrum est (Cellas dicunt) in valle propinqua,
Innupti sexus quod sacer ordo colit.
Omnia et hîc cernes pulchro splendere paratu
Mixtaque cum pretio gratia multa loco est.
Candida Tænario fulgent altaria saxo,
Assirioque intus flagrat odore domus.
Cultus abundat ager pomis, et olentibus herbis,
Multaque cantantes accipit arbor aues.
Arboreas inter radices serpere gaudet,
Atque olera aspergit ductile flumen aquæ.
Virgineusque chorus clauso spactatus in horto,
Purpureas casto colligit vngue rosas.
Cœnobium sancti Antonij. Hînc perge Antoni phanum, et deserta videre,
Et vitam austeram, castaque corda patrum.
Namque sago induti, nuda vestigia planta
Ponunt, et chorda corpora cincta gerunt.
Gens inmunis opum, cui nummos tangere crimen
Et mos est, nudo penè, cubare solo.
Nil illi proprium, non terram exercet aratro,
Sed mendicatos portat ab vrbe cibos.
Fælices animæ, mundum penitusque perosæ,
Et quibus est vni cura placere Deo.
Rus latè patet, et pinus, mœstasque cupressos,
Bacciferæque nemus Palladis, aura quatit.
Paulo inde inferius phanum est in vallibus imis,
Spiritus alme tibi relligione sacrum.
Fons intrò illapsus, feruentis subleuat æstus
Solis, et assiduo murmurat vnda sono.
Lucus adest circum, densus, frigentibus vmbris.
Garrula fontanis obstrepit ales aquis.
Nam plures iuxta Daphnôna virentia fontes
Adsunt, quos viridi cespite obumbrat humus.
Adde, quòd et populum lætis Conimbrica ludis
Exhilarat, crebrò quos celebrare solet.

Nam quoties quisquam studijs sua præmia poscit,
Et Lauri emeritum cingere fronde caput:
Antiquo canitur lætus de more triumphus.
Pergit et ad doctas ordine pompa Scholas.
Incedit rector, comitatus fascibus aureis,
Atque comes sequitur densa caterua virum.
Turba it doctorum, redimitaque tempora sertis,
Textaque quisque suo tincta colore gerunt.
Plebs stupefacta ruit studio diffusa videndi,
Et reboant festo tympana pulsa sono.
Miscet et alterno strepitu tuba rauca sonorem,
Argutos fundunt et caua buxa modos.
Tum personatis iuuenes discurrere gaudent
Vultibus, et lepidos ore referre iocos.
Sic cum Romanus domito dux hoste, triumphum,
Atque olim niueos victor agebat equos:
Laurigerum magno excipiebat honore senatus,
Et populus plausum voce sonante dabat.
Tota igitur gaudet clamore Academia festo,
Donatur Lauru dum quis Apollinea.
Attalica exornant spatiosum aulæa theatrum:
Ordo sedet patrum, Palladiúsque chorus.
Copia mulcebit tunc te facunda soluti
Eloquij, atque fluens de Cicerone lepos.
Teque graui incedens tumefacta Tragœdia versu,
Aut socco alliciet comica musa leui.
Nec minus exultat, siquis certamine pulchro
Ingenij, victor præmia forte tulit:
Attribuúntque illi suffragia plura cathedram,
Discipulis magnum tradat vt inde sophos.
Tunc illi sua turba fauens, rumore secundo
Ingeminat plausus, lætitiàque fremit:
Victorem exclamat, populóque ostentat euntem,
Attollitque humeris, in cathedràque locat.
At contra victus, frustrà suspiria ducit,
Mœret, et in terram lumina fixa tenet.
Circumstant socij, et mœsto solatia dicunt,
Vtque leuet curas spe meliore, iubent.
At cùm festa dies vocat ad solemnia sacra,
Votiuásque monet fundere ab ore preces:
It iuuenum duplici serie studiosa caterua,
Quam niger ornatus, vestis honesta tegit.
Sic formicarum longo ordine nigricat agmen,
Tempus in hybernum dum vehit ore cibos.

AEmula Romanis nostra est Conimbrica ludis,
Est et Romanis æmula diuitijs.
Vidi ego, cùm festa fierent solemnia luce
Ludrica, cùm tota plausus, in vrbe foret:
Diuitis vrbis opes, luxum rerúmque superbum,
Atque auri, externos obstupuisse viros.
Mimæ Lusitanæ.
Saltatorum humeris nixæ, sua membra puellæ
Flectebant, crotali gestu imitante sonos.
Murice Sidonio fulgens, et vellere Serum,
Atque Arabum intextus stamine cultus erat.
Pendebant pallæ, crines collegerat aurum:
Sed nec erat cultu diuite forma minor:
Quotque habet in pennis stellas Iunonius ales,
Quot vario flores Hybla colore parit:
Armillæ totidem hærebant in vestibus aureæ,
Et gemmæ, AEois quas legit indus aquis.
Quid, cùm belligeros manus est imitata Sueuos,
Atque pedes sequitur cum duce signa suo?
Agminis ornatus varius, cristæque comantes
Quem media attonitum non tenuere via?
Namque modo incedunt recto per compita gressu
Binæ acies, manibus splendidaque arma gerunt:
Atque modo implicitos circumflectuntur in orbes,
Donec in angustum cogitur arte globus.
Cùmque iterum gyris se se explicuere retextis,
Directo geminus rursus it ordo gradu.
At dum audax media plebs tauro insultat arena,
Et ciues in equis prælia ficta gerunt:
Formosæ è tectis spectant, cultæque puellæ,
Vnde pharetratus tela Cupido iacit.
Dúmque aliquis iuuenum securus forte videbat
Cornigeri tergo spicula fixa bouis:
Ipse quoque ingemuit, sensitque in pectore telum
Saucius, et spectans vulnera, vulnus habet.
Singula quid referam? quæ si comprendere vellem,
Verba mihi desint, deficiatque dies.
Oppida circunstant latos dispersa per agros,
Quæ florent opibus, delitijsque suis:
Nobile Tentugal, Marci et radiantia templa:
Quæque alia omnino longa, referre, mora est.
Nec procul vrbe, nouam poteris, veteremque videre
Cõdeixa noua oppidum amœnitate celebre.
Condeixam, priscis et monumenta notis:
Flumináque in media æstate illabentia in ædes,
Et Citrios hortos, fructiferúmque nemus.

Altior at cunctis magno Conimbrica fastu,
    Instar reginæ tollit in astra caput.
Naturaque loci tuta est, auraque salubri,
    Et rarò hîc morbis corpora tacta dolent.
Relligio hîc viget, et pietas, artesque Mineruæ,
    Et flos doctorum, nobiliumque virûm.
Quòd si bella vocent AEôos tendere in Indos,
    Seu sit opus duros Marte domare Libas:
Robore præstantes acies Conimbrica mittit.
    Herculeósque animos fortia facta probant.
Horum fultus ope Alphonsus rex inclytus armis.
    Quinque olim regum corpora fudit humi:
Totque vrbem hanc spolijs intrauit onustus opimis,
    Cùm posuit templum, sacráque tecta crucis.
Viuat, et in maius semper Conimbrica crescat,
    Floreat et studijs, floreat atque opibus.
Hîc mihi iucundam liceat traducere vitam:
    Hîc mea, cùm moriar, molliter ossa cubent.

Idem Ignatius Moralis ad Conimbricã.

Te fama (et merito) extollit Conimbrica, et arcis
    Alcides fertur conditor esse tuæ.
Praestabat quantum reliquis mortalibus ille,
    Inuicta domuit qui fera monstra manu:
Tu reliquis tantum certè (me iudice) præstas
    Vrbibus: inuideat Martia Roma tibi.
Attigimus tantum tua prima exordia laudum,
    Et loca, quæ cultu splendidiore nitent.
Singula qui latè, et ciues depingere vellet:
    Nimirum longas conderet Iliadas.

FINIS.